

PRIMEIRO CAPÍTULO

| 21

O pequeno monstrengo – Grande perigo de um nariz sacerdotal – Como o príncipe Paphnutius introduziu o Iluminismo em seu reino e a fada Rosabelverde ingressou em um estabelecimento de reclusão para moças nobres.

Nas imediações de uma graciosa aldeia, logo à beira do caminho, uma pobre camponesa em farrapos jazia estirada no chão que ardia com o calor do sol. Atormentada pela fome, ressequida pela sede, quase sucumbindo de fraqueza, a infeliz havia caído sob o peso do cesto carregado de uma grande pilha de lenha seca, recolhida a duras penas na floresta, debaixo das árvores e arbustos; e, como mal conseguia respirar, não tinha mais dúvidas de que estava prestes a morrer e que assim, pelo menos, sua desgraçada miséria terminaria de uma vez. No entanto, logo conseguiu reunir forças suficientes para soltar as cordas com as quais tinha atado o cesto de madeira às costas, e alçar-se até um torrão de relva que havia ali perto. Lá ela prorrrompeu em altas lamentações:

– Será – lastimava-se – será que todas as necessidades e misérias têm de se abater unicamente sobre mim e meu pobre marido? Não somos nós, afinal, os únicos na aldeia que, apesar de todo o trabalho, todo o suor penosamente derramado, permanecemos em constante pobreza, mal conseguindo o bastante para aplacar a fome? Há três anos, quando meu marido encontrou aquelas moedas de ouro ao remexer a terra em nossa horta, aí sim, acreditamos que a sorte tinha finalmente batido à nossa porta e que os bons tempos iriam começar; mas o que aconteceu!... Ladrões

PRIMEIRO CAPÍTULO

22 | roubaram o dinheiro, a casa e o celeiro queimaram debaixo de nosso nariz, o cereal no campo foi destruído pelo grão e, para cúmulo de nosso sofrimento, o céu ainda nos castigou com este pequeno monstrego que eu dei à luz para a vergonha e o escárnio de toda a aldeia... No dia de São Lourenço¹ o menino completou dois anos e meio mas, com suas perninhas de aranha, não consegue ficar em pé nem andar e, em vez de falar, rosna e mia como um gato. Além disso, o malfadado aborto devora sua comida como se fosse o mais forte dos meninos de pelo menos oito anos sem que isso lhe traga o menor proveito. Que Deus tenha piedade dele e de nós por sermos obrigados, para nosso tormento e maior penúria, a alimentar o menino até que fique grande; pois certamente o Pequeno Polegar irá comer e beber sempre mais e mais, mas trabalhar, ah, isso ele não vai fazer em toda a sua vida!... Não, não, isto é mais do que um ser humano pode aguentar sobre esta Terra!... Ah, se eu apenas pudesse morrer... apenas morrer!

E com isto a pobre começou a chorar e a soluçar até que, subjugada pela dor, totalmente enfraquecida, adormeceu...

Com razão a mulher podia lamentar-se pelo horrível monstrego que trouxera ao mundo há dois anos e meio. Aquilo, que bem se poderia tomar à primeira vista por um toquinho de madeira estranhamente retorcido, era de fato um menino disforme que mal alcançava dois palmos de altura e que, tendo-se arrastado para fora do cesto onde estava estendido de través, agora rolava grunhindo sobre a relva. A coisinha tinha a cabeça profundamente enfiada por entre os ombros, o lugar das costas era ocupado por uma excrescência semelhante a uma abóbora e, logo abaixo do peito, pendiam-lhe as perninhas finas como vara de aveleira, de modo que o menino parecia um rabanete

¹ 10 de agosto. [Todas as notas são da tradutora, exceto quando indicadas.]

E.T.A. HOFFMANN

partido. Seria difícil que olhos obtusos discernissem algo do rosto, mas, olhando-se mais atentamente, com certeza se perceberia o nariz comprido e pontiagudo que despontava em meio aos cabelos escuros e desgrenhados, e um par de pequenos olhinhos negros e faiscantes que – sobretudo tendo em vista os traços de resto bem envelhecidos e enrugados do rosto – pareciam anunciar uma pequena mandragorazinha.

Ora, assim que – como foi dito – a mulher, vencida pelo pesar, havia caído em profundo sono, e o seu filhinho rolando até bem perto dela, ocorreu que a senhorita von Rosenschön, dama do claustro que ficava nas proximidades, vinha passando lentamente por este caminho de volta para casa após um passeio. Ela deteve-se e, dado que era de natureza terna e compassiva, ficou comovida pela cena de miséria que tinha à sua frente.

– Oh, céus – exclamou – quanta desolação e penúria existem sobre esta Terra!... Pobre e infeliz mulher! Eu sei que ela mal consegue levar a vida, e mesmo assim trabalha acima de suas forças e caiu de fome e desgosto! Quão profundamente sinto agora minha pobreza e impotência! Ah, se eu pudesse realmente ajudar como gostaria!... Mas o que ainda me restou, os poucos dons de que ainda disponho e que o destino hostil não conseguiu me arrebatar ou destruir, quero empregar com força e dedicação para combater este sofrimento. Dinheiro, ainda que eu o possuísse, em nada a ajudaria, pobre mulher, e poderia até mesmo piorar sua situação. A você e a seu marido, a vocês dois decididamente não está destinada a riqueza, e quando a riqueza não está destinada a alguém, as moedas de ouro lhe desaparecem do bolso sem que ele próprio saiba como, não lhe trazendo senão grandes dissabores, e quanto mais dinheiro lhe afluí, tanto mais pobre se torna. Mas eu sei que, mais do que toda a pobreza, mais do que todo o infortúnio, o que está atormentando seu coração é o fato de ter dado à luz

PRIMEIRO CAPÍTULO

24 | este pequeno monstrinho que se escora em você como uma carga maligna e temível, que você é forçada a carregar pela vida afora. Alto... belo... forte... inteligente, não, nada disso o menino vai mesmo se tornar, mas talvez ele ainda possa ser ajudado de outro modo...

Com isto ela sentou-se na relva e tomou o pequeno ao colo. A maldosa mandragorazinha esperneou e debateu-se, rosnou e quis morder o dedo da senhorita von Rosenschön, mas esta lhe disse:

– Calma, calma, pequena joaninha! – enquanto lhe passava a palma da mão leve e suavemente ao longo da cabeça, desde a testa até a nuca.

Durante esta carícia, o cabelo desganhado do pequeno foi-se alisando aos poucos até cair, repartido e bem alinhado à testa, em belos cachos macios sobre os ombros altos e as costas de abóbora. O pequeno foi se acalmado cada vez mais até, por fim, adormecer profundamente. Nesse momento a senhorita Rosenschön deitou-o cuidadosamente na relva bem ao lado da mãe, respingou nela um pouco de água de cheiro do frasco de perfume que havia retirado da bolsa, e afastou-se com passos rápidos.

Quando pouco depois a mulher acordou, sentia-se maravilhosamente refrescada e fortalecida. Tinha a impressão de ter feito uma boa refeição e tomado um bom gole de vinho.

– Ai – exclamou – quanto consolo, quanta disposição este bocadinho de sono me trouxe!... Mas o sol já quase se pôs atrás das montanhas, temos de ir para casa agora!...

A seguir, a mulher ia atar o cesto às costas, mas, ao olhar para dentro dele, notou a falta do pequeno, o qual nesse mesmo instante se erguia da relva choramingando. Quando a mãe voltou os olhos em sua direção, bateu palmas de admiração e exclamou:

– Zacarias... Pequeno Zacarias, mas quem foi que

E.T.A. HOFFMANN

nesse meio tempo penteou seu cabelo de maneira tão bonita? Zacarias... Pequeno Zacarias, como estes cachos lhe ficariam bem se você não fosse um menino tão horrivelmente feio!... Bem, agora venha, venha!... Para dentro do cesto!

| 25

Ela ia pegá-lo para estendê-lo sobre a lenha, mas o pequeno Zacarias esperneou, fez uma careta para a mãe e miou de modo bem audível:

– Não quero!

– Zacarias!... Pequeno Zacarias – gritou a mãe fora de si – mas quem foi que nesse meio tempo ensinou você a falar? Ora, se você tem o cabelo tão bem penteado, se você sabe falar tão bem, então com certeza também saberá andar.

De um golpe a mulher recolocou o cesto às costas, o pequeno Zacarias enganchou-se em seu avental, e assim seguiram rumo à aldeia.

Para chegar lá, tinham que passar em frente à casa do pároco, e ocorreu que este se encontrava à porta com o seu filho mais novo, um lindo garoto de três anos de idade, com belos cachos dourados. Quando o pároco viu a mulher aproximando-se com o pesado cesto de lenha e o pequeno Zacarias pendurado em seu avental, exclamou em sua direção:

– Boa tarde, senhora Liese, como tem passado? Mas a senhora recolheu um fardo pesado demais e mal consegue seguir em frente. Venha, descanse um pouco neste banco em frente à minha porta, minha criada virá oferecer-lhe uma bebida refrescante!

Liese não esperou que ele lhe dissesse isso duas vezes e, baixando seu cesto, estava prestes a abrir a boca para queixar-se àquele respeitável senhor de toda a sua miséria e infortúnio, quando o pequeno Zacarias, que perdera o equilíbrio com o brusco movimento da mãe, foi lançado

PRIMEIRO CAPÍTULO

26 | aos pés do pároco. Este abaixou-se rapidamente e ergueu o pequeno enquanto dizia:

– Ai, senhora Liese, mas que menino lindo e adorável a senhora tem aí. É uma verdadeira bênção dos céus possuir um filho tão maravilhoso – e, com isso, tomou o pequeno nos braços e acariciou-o, não parecendo de modo algum notar que o malcriado Pequeno Polegar rosnava e miava de forma muito desagradável e até tentava morder o respeitável senhor no nariz.

Liese, no entanto, estava completamente atônita diante do clérigo e fitava-o com olhos escancarados e imóveis, não sabendo o que deveria pensar:

– Ah, prezado senhor pároco – começou por fim a dizer com voz chorosa, um homem de Deus, como o senhor, com certeza não estará escarnecendo de uma pobre e infeliz mulher, a quem o céu, por motivos que apenas ele mesmo conhece, castigou com este abominável monstro!

– Mas – replicou o sacerdote em um tom muito sério – mas que bobagens são essas, cara senhora! Escárnio, monstro, castigo do céu... Não consigo absolutamente entendê-la, e sei apenas que a senhora deve estar totalmente cega se não ama seu belo menino de todo o coração... Beije-me, gentil homenzinho!

O pároco abraçou o pequeno, mas Zacarias rosnou:

– Não quero! – e investiu novamente contra o nariz do sacerdote.

– Veja a besta maligna! – exclamou Liese assustada.

Mas neste momento o filho do pároco disse:

– Ah, querido pai, o senhor é tão bondoso, o senhor é tão gentil com as crianças que todas elas certamente o amam do fundo do coração!

– Oh, ouça só – exclamou o pároco com os olhos brilhando de alegria – oh, ouça só, senhora Liese, o belo e inteligente menino, seu querido Zacarias, ao qual a senhora quer mal. Já percebo, a senhora nunca irá ligar para ele,

E.T.A. HOFFMANN

não importa quão formoso e inteligente ele seja. Ouça, senhora Liese, entregue-me seu filho tão promissor para que eu o crie e eduque. Dada a sua opressora pobreza, o menino apenas lhe será um peso, e para mim será uma satisfação criá-lo como meu próprio filho!

Liese não conseguia voltar a si de tão atônita, e seguia repetindo:

– Mas prezado senhor pároco... senhor pároco, será que o senhor está mesmo dizendo seriamente que quer tomar para si a pequena deformidade, criá-la, e libertar-me da penúria que me traz esse monstro?

No entanto, quanto mais a mulher descrevia ao pároco a abominável feiura de sua mandragorazinha, tanto mais ferrosamente este afirmava que ela, na sua louca cegueira, não merecia de modo algum ter recebido do céu a prodigiosa dádiva de um garoto tão maravilhoso; até que, por fim, totalmente enraivecido, entrou em casa com o pequeno Zacarias ao colo e trancou a porta por dentro.

Lá ficou então Liese, como que petrificada, diante da porta do pároco, não sabendo o que pensar de tudo aquilo.

– Cáspite! – disse a si mesma – O que terá acontecido com o nosso digno senhor pároco para que ele ficasse tão enlouquecido pelo meu pequeno Zacarias a ponto de tomar o tolo fedelho por um menino belo e inteligente? Bem, que Deus ajude o bondoso homem; ele tirou o peso das minhas costas e tomou para si o fardo, ele que veja agora como conseguirá carregá-lo! Ah! Como o cesto de lenha agora ficou leve, já que não está mais sentado em cima dele o pequeno Zacarias e, com ele, a maior das preocupações!

Em seguida, Liese, com o cesto de lenha às costas, tomou o seu caminho alegre e bem disposta!

Mesmo que por ora eu ainda quisesse silenciar totalmente sobre o assunto, com certeza você, amigo leitor, já terá suspeitado de que deve haver alguma circunstância fora do comum envolvendo a reclusa von Rosenschön, ou